

FRONTEIRA/FRONTEIRAS: CONCEITO POLISSÊMICO, REALIDADES COMPLEXAS

Arno Alvarez Kern¹

Resumo

O conceito de fronteira é pouco usual nos dicionários de termos históricos. Talvez por serem estes concebidos por autores que habitam as metrópoles e não as suas periferias. Para os pesquisadores fronteiriços, entretanto, este conceito tem sido primordial para pesquisas históricas sobre os grupos sociais situados nos limites extremos de territórios contíguos. O conceito de fronteira é utilizado a partir de uma escolha deliberada e racional, buscando respostas para os questionários científicos que estabelecemos sobre as situações limites, nos territórios onde sociedades e culturas diferentes se encontram e se confrontam. Estes espaços fronteiriços nos podem ilustrar as trocas culturais, as mútuas influências linguísticas e o lento amadurecimento de sínteses que terminam gerando novas identidades fronteiriças.

Palavras-chave: Fronteiras, Espanha, Portugal, Missões, jesuítas, Indígenas Guarani.

Resumen

El concepto de frontera es poco comun en los diccionarios de términos históricos. Tal vez por ser estos concebidos por autores que habitan las metrópolis y no sus periferias. Para los investigadores fronterizos, sin embargo, este concepto ha sido primordial para las pesquisas históricas sobre los grupos situados en los límites extremos de los territorios contiguos. El concepto de frontera es utilizado a partir de una elección deliberada y racional, buscando respuestas para los cuestionarios científicos que establecemos sobre las situaciones limites, en los territorios donde sociedades y culturas diferentes se encuentran y se confrontan. Estos espacios fronterizos nos pueden ilustrar los cambios culturales, las mutuas influencias lingüísticas y la lenta maduración de las síntesis que terminan generando nuevas identidades fronterizas.

Palabras-clave: Fronteras, España, Portugal, Misiones, Jesuítas, Indígenas Guarani.

O conceito de fronteira é pouco usual nos dicionários de termos históricos. Talvez por serem estes concebidos por autores que habitam as metrópoles e não as suas periferias. Por outro lado, quando existem algumas referências às fronteiras, elas são de cunho geopolítico (expansão territorial e tratados de limites), ignorando os demais aspectos desta problemática tão complexa. Sérgio Buarque de Holanda foi um o primeiro a se referir ao aspecto cultural do conceito de fronteira, intitulado “Fronteiras Europeias” o primeiro capítulo de seu livro *Raízes do Brasil*. Esta ideia foi ampliada em *Caminhos e fronteiras*. Estas obras teriam estimulado, segundo Ronaldo Vainfas, muitos estudos de história regional, ancorados na problemática da fronteira, ultrapassando o discurso provinciano e meramente narrativo. Estas obras teriam inspirado “estudos históricos- antropológicos

¹ Professor Titular. Pesquisador 1 A do CNPq. Laboratório de Arqueologia da PUCRS, Porto Alegre, Brasil.

que, pensando a colônia como região de fronteira, descortinam processos de hibridismo e circularidade cultural entre etnias e grupos diversos”².

Para os pesquisadores fronteiriços, este conceito tem sido primordial para as pesquisas históricas sobre os grupos sociais situados nos limites extremos de territórios contíguos. O conceito de fronteira é utilizado a partir de uma escolha deliberada e racional, buscando respostas para os questionários científicos que estabelecemos sobre as situações limites, nos territórios onde sociedades e culturas diferentes se encontram e se confrontam.

Quando analisamos a produção intelectual de uma sociedade fronteiriça, a ideia de fronteira sempre surge de maneira recorrente nas diversas interpretações sobre a sua própria história. Algumas das citações que indicam a tônica de muitas interpretações são: “somos uma fronteira”, “uma fronteira em armas”, “uma fronteira movediça”, “foi a fronteira que nos deu uma fisionomia histórica”, “drama de fronteira”. Uma fronteira, entretanto, sempre tem pelo menos duas faces e a oposição fronteiriça, pelo menos dois sentidos³.

a) **Linhas, limites e fronteiras.**

Este conceito integra uma série de outros termos, de uma das mais extraordinárias invenções intelectuais do homem, para poder comunicar as suas ideias, levantar suas dúvidas e explicar as suas soluções para os problemas da pesquisa: a linguagem científica.

Apenas num sentido mais amplo e, portanto, menos preciso e pouco válido para o campo da ciência, as fronteiras poderiam hoje ser consideradas apenas como linhas ou como limites, separando grupos sociais ou culturas. Isto não é usual entre os pesquisadores que trabalham com a problemática da fronteira, no campo das ciências humanas.

Para os sociólogos, por exemplo, a fronteira é uma situação limite a partir da qual que se distinguem e se identificam os indivíduos e os grupos sociais em presença. É nestes espaços que se estabelecem as normas sociais definindo quem pode e como devem participar das sociedades e culturas que ali se identificam. As sociedades podem, por exemplo, identificar esta situação limite com placas rodoviárias indicativas do término do domínio territorial de um país e do início de um outro. As unidades militares situadas de um lado ou de outro destes limites políticos, se distinguem umas das outras por seus uniformes, suas insígnias e por suas bandeiras⁴.

As sociedades situadas frente a frente, nestes confins, possuem culturas, línguas e identidades diferentes. Mas, ao mesmo tempo, interagem continuamente e intercambiam influências, criando sínteses culturais interessantes e inovadoras.

A ciência da história tenta precisar os conceitos com os quais reconstitui o passado. Para os historiadores, linhas e limites não são realmente sinônimos de fronteiras, apesar de estarem intimamente relacionados com elas. Em um contexto histórico específico,

² VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000. Pg. 254-5.

³ KERN, Arno A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. Pg. 155.

⁴ JOHNSON, Alan G. *Dicionário de sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997. P. 113.

como por exemplo o dos conflitos entre a Espanha e Portugal, os limites se materializam como linhas (pontilhadas, tracejadas ou contínuas), traçadas em um mapa separando dois territórios contíguos após um acordo político. Este ato, após os difíceis embates nos campos de batalha e os longos debates das negociações dos diplomatas, torna oficial a assinatura de um tratado de limites entre as sociedades em presença.

Este acordo de paz ocorre, como é o caso do Tratado de Madri no século XVIII, após conflitos contínuos de longa duração entre as sociedades ibéricas que cansaram de empurrar seus limites de um lado para outro, nos confins de seus territórios. Isto foi realizado na prática por campanhas militares. Mas terminou se materializando nos mapas que seus cartógrafos elaboraram⁵. No tratado de limites, as novas convenções aceitas por ambos os estados estabelecem que uma cadeia de montanhas, o vale de um rio ou um lago, são os extremos fronteiriços das áreas que ocupam, justificadas por um princípio básico: o *uti possidetis*. Este princípio, segundo Alexandre de Gusmão, pretendia estabelecer definitivamente as posses de cada um dos estados ibéricos, da Ásia à América.

Os limites políticos estabelecidos nas mesas de negociação, portanto, são uma construção intelectual de diplomatas e cartógrafos, elaborada sobre mapas por estes representantes oficiais das sociedades envolvidas. Neste sentido, como nos alerta a história, não existem “fronteiras naturais”. Os limites foram definidos e diversos acidentes geográficos foram escolhidos cuidadosa e racionalmente pelas comissões presentes, após as negociações necessárias. Neste sentido, eles são artificiais e construídos, pois eles somente existem desenhados nos mapas elaborados para as finalidades do tratado de limites. Se formos visitar os locais por onde se definiu passar os limites, não encontraremos nenhuma das linhas contínuas de demarcação traçadas no terreno. Veremos apenas os marcos limítrofes equidistantes, topograficamente implantados pelas comissões de demarcação. São estes marcos, muitos deles existentes ainda hoje⁶, que materializam na paisagem aquela linha traçada nos mapas do tratado de limites.

Podemos lembrar que “na América do Sul, muito antes de haver uma fronteira entre os impérios coloniais ibéricos, houve apenas um limite, representado pela linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Somente no século XVII, de uma maneira gradual, a fronteira se delineou, com todos os problemas correlatos de oposição e coexistência que lhe são típicos. Isto ocorreu desde o vale amazônico até o estuário do Prata. Foi, entretanto, no Rio da Prata que a problemática fronteiriça se tornou complexa, com dois momentos graves de atrito e guerra. Na primeira metade do século, afrontaram-se jesuítas e bandeirantes, e a partir da década de 80, portugueses e espanhóis derramaram o sangue de seus exércitos, frente aos muros da Colônia de Sacramento”⁷.

⁵ Os mapas espanhóis da época colonial apresentam a linha do Tratado de Tordesilhas o mais possível junto ao Oceano Atlântico, diminuindo os territórios lusos e ampliando os seus. Os mapas portugueses estabeleciam linhas do Tratado de Tordesilhas muito mais para o interior da América do Sul, ampliando a área a que tinham direito. Na prática, nunca houve demarcação destes limites.

⁶ É o caso do marco que se encontra diante da igreja matriz de Cáceres, no Mato Grosso.

⁷ KERN, Arno A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. Pg. 149.

b) Fronteiras e história.

Nos séculos XIII e XIV, a palavra fronteira tinha um senso militar e significava a linha de frente da batalha de uma tropa organizada para o combate, para “enfrentar” o inimigo – este o seu significado mais profundo. Hoje, tende-se mais a usar a palavra com o sentido de “limites” (“limes”) ou de “fines”, e daí confins. Mas, mesmo no século XVI e XVII, a “fronteira” é o *front*, não mais de um exército, mas de um país. Esta mudança de sentido ocorreu através da ideia de que as cidades da fronteira e suas fortalezas, com suas muralhas guarnecidas, suas torres, ameias e suas guarnições militares, eram a “frente” de batalha contra o inimigo situado além dos limites do Estado⁸. A ideia de fronteira e a ideia de “presídio” ou fortaleza, no sentido de guarnição militar de defesa, se justapõem. Ainda no século XVII, na França, a palavra *frontière* tinha o significado de “frente”, de extremidade de um reino, onde os inimigos se defrontam⁹. Na Espanha, a palavra fronteira já aparece no Poema do Cid, mas sempre no sentido de região que separa povos colocados frente a frente, tendo dado origem ao termo “fronteiro”, ou seja, o chefe militar que comanda a fronteira.

Mas as fronteiras podem ser também continuidade, além de oposições. É continuidade no sentido em que infiltram as influências, se amortecem os impactos. É oposição, mas no sentido de interesses díspares que podem ser mais ou menos variados e profundos, alternando-se durante o tempo histórico¹⁰. A fronteira sul-brasileira foi continuidade, enquanto durou o comércio luso-platino, principalmente antes de 1640, com a migração de portugueses para Buenos Aires e o interior da bacia platina. A mesma fronteira teve épocas diferentes de oposição e de intercâmbios. Variou a intensidade de oposição dos interesses contrários, bem como os episódios de colaboração e de integração. Foi intensa a oposição entre os jesuítas e bandeirantes até 1641, quando estes últimos empurraram, violentamente, os limites do mundo colonial espanhol para o oeste. Houve pouca oposição real, mas muita oposição latente, após esta data, quando a fundação da Colônia de Sacramento, em 1680, iria renovar as contradições¹¹.

Localizadas na fronteira oriental dos domínios hispânicos, as Missões e sua milícia guarani desempenharam assim um papel de extrema importância na estratégia do deslocamento das expansões colonizadoras portuguesa e espanhola. E justamente por isto, por serem a “face”, a “fachada” da fronteira hispânica e o obstáculo natural frente à expansão luso-brasileira rumo ao sul, foram sempre os alvos imediatos e primeiros, nesta fronteira em guerra.

Tanto a contiguidade como a oposição são manifestações típicas da fronteira, e, em especial, das forças que nela se defrontam. Estas forças são tanto militares (ou paramilitares, como é o caso das bandeiras e das tropas indígenas), políticas, econômicas ou simplesmente espirituais, e geram as pressões e as resistências dos grupos e instituições que se defrontam, distintos em crenças, cultura ou ideologias. Para Mañach, “obviamente,

⁸ FEBVRE, Lucien. *Pour une histoire à part entière*. Paris, Sevepen, 1962. p. 11-2.

⁹ *Ibidem*, p. 13. Cita o Dicionário Universal da Furetière, de 1690.

¹⁰ MAÑACH, op. cit., p. 27.

¹¹ KERN, A. *Opus cit.* P. 155-158.

o essencial desta força, o que faz com que o seja, é o poder. A fronteira política é o lugar onde o querer leva o poder de que dispõe¹². É o poder político, numa fronteira política com esta que se formava no século XVII, que incluía dentro de seus limites próprios as instituições militares ali atuantes, e por isso, quando o poder de ação da religião deixou de fazer efeito sobre os bandeirantes para limitá-los nas suas expedições escravagistas, restou aos jesuítas a solução de buscar o apoio do poder político do Rei da Espanha para agir de maneira coercitiva sobre São Paulo, por um lado, e de criar os seus próprios meios de defesa da fronteira, por outro. Esta segunda medida foi a única possível, principalmente após a emancipação de Portugal e do Brasil da União Ibérica. Estas decisões políticas, tomadas bem longe da própria fronteira, mas com profundas repercussões sobre esta, são um pano de fundo indispensável para compreendermos a institucionalização da milícia composta por indígenas guaranis.

Na América colonial, as fronteiras entre Espanha e Portugal são plenamente visíveis a partir de dois elementos básicos da ordenação destes espaços: as fortalezas com suas guarnições militares e as missões com seus neófitos indígenas.

b) Fronteira e geografia.

Esta problemática tem sido muito estudada pelos geógrafos¹³. Para Laetitia Perrier Bruslé, antes de tudo, a fronteira é simultaneamente barreira e ponte. “Esta dupla dimensão é fundamental no momento de se estruturar um projeto de pesquisa sobre a fronteira”. E lembra, com muito acerto, que a fronteira não é uma linha, mas sim um espaço. O que caracteriza este espaço não seria tanto a sua organização espacial, mas sim as particularidades dos atores sociais. Propõe o encontro dialético entre a geopolítica formal, elaborada pelos pensadores do território, a geopolítica prática, implementada pela chancelaria e a geopolítica popular para a construção de um território ideal. Quando realizamos pesquisas sobre estes espaços fronteiriços se pode comprovar a distância entre esta representação ideal e as práticas (*os habitus* segundo Bourdieu) fronteiriços. É possível igualmente compreender as especificidades sociais destas regiões de fronteiras e a autonomia dos atores (contrabando, estratégias fora do marco legal de um estado ausente).

Para esta autora, são três os aspectos a destacar na contribuição dos geógrafos a este debate. Inicialmente, o conceito de dupla periferia referindo-se aos dois lados da fronteira e seu afastamento das metrópoles centrais. Em seguida, a ideia de que a fronteira é uma construção social, num complexo social dinâmico, no qual devemos levar em conta os atores sociais mais do que a organização do espaço E, finalmente, o fato de que a fronteira representa o dispositivo discursivo de um poder.

¹² Mañach, J. Opus Cit. pg. 29-31.

¹³ PERRIER BRUSLÉ, Laetitia. Comunicação pessoal, 27/05/2015.

c) Fronteira: um modelo?

Um dos conceitos usuais no vocabulário dos historiadores, é o de fronteira. Muitos autores destacam tratar-se de um conceito difícil de precisar, pelas múltiplas variáveis implicadas e, portanto, pela polissemia que isto significa. Para a pesquisadora Lía Quarlery, por exemplo, as fronteiras podem ser entendidas como frentes inimigas (a definição clássica), limites a expandir (expansões colonizadoras), margens espaciais (duplas periferias), divisões jurisdicionais (administrativas, como as marcas medievais) ou zonas de difícil acesso (confins). Mas elas devem ser igualmente entendidas a partir dos diversos atores que se relacionam com estas múltiplas funções¹⁴.

Existem outros conceitos que juntamos a este para formar um modelo explicativo desta realidade histórica complexa. Fronteira, juntamente com linha, limite, confins, confronto, fronteiroço, etc., forma um conjunto de conceitos que se organizam como um modelo explicativo, adequado para o estudo de uma realidade muito específica: a dos espaços permeáveis existentes entre duas sociedades situadas frente a frente. Ou, se pensarmos na origem da palavra fronteira, duas sociedades situadas frente a frente. Esta fronteira poderá ser viva e tensa se os confrontos e os intercâmbios se fazem continua e intensamente, como ocorreu nas fronteiras americanas entre Portugal e a Espanha. Ou será uma fronteira neutra ou morta, se os espaços forem tão grandes (a Amazônia) ou tão inóspitos (os desertos) que impedem as relações dos grupos em presença e tornam esporádicos os contatos entre eles.

Podemos imaginar igualmente a existência de fronteiras ambientais. As paisagens das florestas e dos campos, do cerrado e da caatinga, apresentam características específicas que nos ajudam reconstituir as etapas de seu povoamento pelas sociedades que habitaram estes cenários naturais. Os mapas que possamos criar, com as zonas de climas, de relevos, de floras e de faunas diferentes, entretanto, não estão vazias de humanidade. As sociedades ali estabelecidas tanto se adaptam a elas como as adaptam às suas necessidades, sem determinismos cegos, como destacou Lucien Febvre¹⁵. Populações e paisagens não apenas reagem umas sobre as outras, mas os homens igualmente constroem modos de vida adaptados as elas, criando fronteiras ambientais.

Um exemplo disto é a busca pelos Guaranis, em suas migrações, de paisagens semelhantes às amazônicas, local de onde saíram. Buscavam o seu *teko há* (o lugar onde se vive) para ali estabelecer o seu *ñande reko* (o seu modo de vida). Ao chegarem ao Rio da Prata, ignoram as extensões dos pampas e as alturas frias do planalto sul-brasileiro, zonas de refúgio para os Charruas (caçadores nômades) e os Caingangues (aldeões horticultores), face ao avanço desta colonização guarani. Provavelmente estabeleceram-se fronteiras entre os territórios ocupados por estas sociedades tão diversas culturalmente.

Sim, pois existem tantas fronteiras quantas as sociedades em presença uma da outra. O exemplo mais estudado nas representações dos historiadores, é o das fronteiras

¹⁴ QUARLERY, Lía. *Rebelión y guerra en las fronteras del Prata*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2009. P. 71, nota 2.

¹⁵ FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine*. Paris: Albin Michel, 1070. P. 393-96.

externas existentes entre sociedades diferentes. Na América colonial, nos confrontos entre as sociedades ibéricas, os jesuítas e bandeirantes são grupos com identidades e objetivos diferentes, ambos demonstrando “um espírito expansivo, pugnaz, de esforço individual e que tudo arrisca, criado pela própria fronteira”¹⁶.

Entretanto, como nenhuma sociedade é um todo monolítico e absolutamente homogêneo, podemos igualmente pensar na existência de fronteiras internas separando grupos com características específicas no imenso conjunto de uma sociedade maior. É o caso da existência de etnias diferentes e conflitantes, tanto na América portuguesa (grupos de fala Tupi-guarani e os grupos de fala Jê), como na América espanhola do Rio da Prata (os Guaranis e os Charruas). Na Espanha, é o caso das fronteiras internas entre a Catalunha, Castela e Galícia, por exemplo.

Segundo a teoria da história, as fronteiras devem ser vistas também a partir da dupla ótica do espaço e do tempo. Os aspectos destacados quase sempre nas análises são as fronteiras no espaço.

As fronteiras espaciais demarcam territórios e seus limites. Nelas se materializam projetos individuais e coletivos, de uma ordem religiosa, como a dos jesuítas, e de uma etnia indígena, como a dos Guaranis. Nestes espaços se pode acompanhar na documentação as trajetórias históricas de grupos étnicos, de instituições religiosas e políticas dos estados (reinos, impérios). Os atores sociais, podem ser de comunidades locais fronteiriças, ou de grupos mais afastados, mas ainda assim na periferia e sob a influência da fronteira. De muito longe, as metrópoles procuram acompanhar, determinar e impor politicamente as suas decisões sobre a fronteira.

Mas existem igualmente fronteiras temporais. São aquelas que envolvem sociedades diferentes e caracterizam o que os historiadores denominam de “a contemporaneidade do não-contemporâneo”. É o caso das relações culturais entre os Guaranis aldeões horticultores neolíticos e os Jesuítas oriundos de uma Europa cristã, barroca, absolutista e mercantilista.

Um exemplo de fronteira cultural é o processo de transculturação. Surgido a partir dos debates relacionados às limitações do conceito de “aculturação”, o termo transculturação designa o processo complexo de intercâmbios culturais que ocorrem quando dos contatos entre sociedades distintas, fronteiriças, no decorrer do tempo histórico. Estes contatos podem ser provocados por migrações, ocupações militares ou ser resultantes de processos de colonização. Nestes últimos, os que resultaram em colônias de povoamento deram lugar a intercâmbios culturais e a miscigenações, com resultados profundos e duráveis, no tempo histórico. Os que se limitaram a explorações econômicas pontuais, apenas deram origem a contatos culturais superficiais e limitados. Ocorre o fenômeno da transculturação quando uma etnia se impregna pouco a pouco com os valores culturais impostos ou colocados à disposição por uma sociedade dominante. Na maioria dos casos, nas fronteiras culturais o que ocorre é que as etnias em presença passam a se influenciar mutuamente, havendo uma seleção dos traços que serão incorporados. Os intercâmbios culturais resultantes nos evidenciam uma relação complexa e que ocorre nos dois sentidos,

¹⁶ MAÑACH, Jorge. *Opus cit.* P. 39.

de uma maneira desigual, mas sempre gradual e de longa duração. Os contatos podem dar origem a modificações culturais superficiais ou profundas. Esta situação de reciprocidade quase sempre é decorrência das relações biológicas inter étnicas, que resultam em importantes contingentes sociais de mestiços, geralmente aceitos em ambas as sociedades em presença.

As sociedades que estudamos, no caso Espanha e Portugal, estão continuamente a se transformar ao longo do tempo. As suas fronteiras também terão características diferentes nesta longa duração, acompanhando as modificações que ocorrem entre os atores sociais.

Sob outro ângulo das abordagens históricas, podemos reconhecer fronteiras políticas, sociais, econômicas, culturais. Podemos dar ênfases a cada uma destas variáveis, mas a seleção de uma delas não exclui a existência das demais, nem a dialética existente entre elas.

Nas fronteiras políticas, as oposições bélicas se alternam com os momentos de paz dos tratados. Os personagens são agentes políticos, quase sempre representantes da monarquia, como é o caso dos marqueses instalados nas Marcas das fronteiras europeias. Na América colonial moderna, são os representantes da administração (vice-reis e governadores) e forças militares (os exércitos e as fortalezas) que se defrontam, além da milícia dos indígenas guaranis armados (nas missões). E justamente por isto, por serem a “face”, a “fachada” da fronteira hispânica e o obstáculo natural frente à expansão luso-brasileira rumo ao sul, missões e fortalezas foram sempre os alvos imediatos e primeiros, nesta fronteira em guerra, pois eram afirmação da soberania do estado sobre o território fronteiriço.

Nos espaços sociais das fronteiras, podemos documentar migrações de grupos étnicos ou de simples indivíduos, de um lado para outro ao longo dos espaços de circulação. Para Barth, um tipo de fronteira social são as fronteiras étnicas, pois elas “canalizam a vida social”. “Assim, a persistência de grupos étnicos em contato, implica não apenas em critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência de diferenças culturais”¹⁷. Os atores sociais buscam atingir seus objetivos, mesmo violando as normas da fronteira, como é o caso das centenas de portugueses instalados nas incipientes cidades coloniais espanholas.

Já nas fronteiras econômicas podemos perceber que nem todas as atividades dos mercadores seguem as normas estabelecidas pela metrópole, criando-se uma situação dupla, com comércios legais e ilegais. Podemos evidenciar na documentação ora os contatos dos agentes do comércio formal e legal, ora as ações dos agentes do comércio informal, ou seja, do contrabando. Enquanto que no conjunto do império espanhol, predomina o mercantilismo “bulionista”, que privilegia muito pouco a produção, mas estimula o metalismo, ou seja, a acumulação de metais preciosos (ouro da Colômbia e México, prata do Peru). Muitos dos produtos consumidos pela população espanhola eram adquiridos no exterior, o que dinamiza as fronteiras econômicas mas estimula igualmente a inflação. Na região platina não existe metais preciosos nem algum produto que seja rentável nas tran-

¹⁷ BARTH, Fredrick. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1998 p. 195-6. Estas ideias foram destacadas na conferência de Marli Auxiliadora de Almeida no Seminário Internacional da UNEMAT (nota 17).

sações internacionais do mercantilismo. Resta o contrabando como solução, com o desvio da prata do Peru para o Rio da Prata e daí para a Colônia de Sacramento. Em ambos os lados desta fronteira econômica permeável, portugueses e espanhóis buscam alternativas que satisfaçam o mercado interno local, mesmo que ilegais e em detrimento das normas estabelecidas pela metrópole (“la ley se conoce, pero no se cumple”).

Finalmente, os espaços fronteiriços nos podem ilustrar as trocas culturais, as mútuas influências linguísticas e o lento amadurecimento de sínteses que terminam gerando novas identidades fronteiriças. Trata-se do caso dos gaúchos da fronteira sul-brasileira, da Argentina e do Uruguai. Nas missões platinas, um processo de transculturação vai se desenvolver na inserção gradual dos guaranis à sociedade colonial. Ampliam-se os intercâmbios culturais e as mestiçagens na medida em que são mais abertos os espaços fronteiriços e maiores os contingentes populacionais que compõem os dois lados da fronteira. Apenas a guerra pode interromper momentaneamente este processo.

Como bem destaca o Grupo de Pesquisa da Fronteira Oeste, no Brasil, estamos diante de uma realidade complexa, onde “se constituíram fronteiras de características polissêmicas(...). Nesse espaço, os diferentes agentes sociais envolvidos desenvolveram dinâmicas que comportaram posições de aliança, de enfrentamento ou de negociações, que se configuraram e reconfiguraram dialeticamente”¹⁸.

Somos obrigados a reconhecer temporalidades e de historicidades diferentes no estudo das fronteiras. Entretanto, são os conceitos-chave que nos permitem estudar os fenômenos das sociedades de fronteira.

Estes fatos históricos devem ser imaginados como tendo uma duração variável no tempo histórico, pois são predominantemente acontecimentos de curta duração (eventos políticos), de duração média (ciclos econômicos) e os de longa duração (estruturas sociais e culturais). Segundo Fernando Braudel, os modelos conceituais que utilizamos são válidos enquanto é válida a realidade que registram. Ou seja, deve haver uma adequação entre os conceitos utilizados e as realidades estudadas, sob pena de cometermos enganos.

Afirma ele, metaforicamente, que os modelos podem ser comparados a barcos. Uma vez construídos, devemos colocá-los na água e ver se flutuam, “fazê-los baixar e subir à vontade nas águas do tempo. O naufrágio é sempre o momento mais significativo”¹⁹. Nas experiências de ensaio e erro que a ciência nos proporciona, mesmo os naufrágios são uma possibilidade de nova retomada das investigações, em bases mais sólidas, bem como a possibilidade de uma reflexão mais profunda sobre o nosso próprio trabalho. Como este texto pretende evidenciar.

¹⁸ Segundo as palavras de Domingos Sávio da Cunha Garcia, Coordenador do Grupo de Pesquisa Fronteira Oeste: Poder, Economia e Sociedade, na apresentação do IV Seminário Internacional, UNEMAT, Cáceres, Mato Grosso.

¹⁹ BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1972. P. 52-3.

Referências bibliográficas

- BARTH, Fredrick. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade..* São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- FEBVRE, Lucien. *La terre et l'évolution humaine*. Paris: Albin Michel, 1070.
- FEBVRE, Lucien. *Pour une histoire à part entière*. Paris, Sevepen, 1962.
- JOHNSON, Alan G. *Dicionário de sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- KERN, Arno A. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- MAÑACH, Jorge. *Teoria de la frontera*. Porto Rico, Ed. Univ. Porto Rico, 1970.
- PERRIER BRUSLÉ, Laetitia. Comunicação pessoal, 27/05/2015.
- QUARLERY, Lía. *Rebelión y guerra em las fronteras del Prata*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Econômica, 2009.
- VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.